

JENNIFER PROBST

À procura
do par
perfeito



Tradução

CAMILA POHLMANN E JULIANA ROMEIRO

pa pa — a

Copyright © 2014 by Jennifer Probst

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL Searching for Perfect

CAPA Joana Figueiredo

FOTO DE CAPA ©anna42f/ Shutterstock

FOTO DE QUARTA CAPA ©Homunkulus28/ iStock

PREPARAÇÃO Natalia Engler

REVISÃO Renata Lopes Del Nero e Luciane Varella Gomide

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Probst, Jennifer

À procura do par perfeito / Jennifer Probst ; tradução Camila Pohlmann, Juliana Romeiro. — 1^a ed. — São Paulo : Paralela, 2017.

Título original: Searching for Perfect.

ISBN 978-85-8439-060-1

1. Romance norte-americano I. Título.

17-01499

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura norte-americana 813

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.editoraparalela.com.br

atendimentoaoeditor@editoraparalela.com.br

*A coisa mais difícil, e mais maravilhosa,
é abrir mão da perfeição e
trabalhar em ser você mesmo.*

Anna Quindlen

Este livro é dedicado a todos os leitores que me inspiraram,
me apoiaram, amaram meus livros e me fizeram querer melhorar.

E a todos os que acreditam merecer... amor, perdão, sucesso,
amizade ou felicidade.

Vocês merecem.

1

Nathan Ellison Raymond Dunkle não tinha uma folga.

Saiu correndo do laboratório, atrasado de novo, com a cabeça cheia depois do intenso brainstorming para tentar descobrir uma fórmula revolucionária que transformasse a propulsão avançada. Guiou seu Tesla em meio ao emaranhado de carros no centro da cidade e tentou não entrar em pânico. Aquele evento poderia ser um marco em sua vida, e ele se recusava a perdê-lo. E se sua futura mulher estivesse naquele momento conhecendo outros homens porque ele tinha ficado preso no trabalho? De novo.

Ned controlou a impaciência e avançou mais alguns centímetros. Estava cansado de ter sua vida social girando em torno do colega de laboratório, Wayne, e do irmão, Connor. Desde que saíra da Nasa para se dedicar a levar a iniciativa privada para o ramo das viagens espaciais, seus dias tinham virado uma longa série de fórmulas e pesquisas. As viagens de fim de semana com os amigos para jogar golfe acabaram. A vida amorosa, que sempre fora devagar, voltou à estaca zero. Três meses antes, havia comemorado o aniversário de trinta e dois anos e se dera conta de que não tinha ninguém para convidar. Um bolinho surgiu no laboratório, Wayne cantarolou alguns versos de “Parabéns a você”, e depois eles voltaram ao trabalho.

Patético.

Foi então que decidiu mudar.

Ned cruzou a divisa da cidade, que dava boas-vindas a quem chegava a Verily, e esquadrinhou a rua atrás de uma vaga. As lojas iluminadas ao longo da calçada com vista para o rio Hudson exalavam um charme pitoresco que acolhia os visitantes. Connor riu quando soube do evento de *speed dating*, já que nunca acreditou em sossegar com uma única mulher. Tantos anos observando o irmão engatar um relacionamento casual

no outro deixavam Ned deprimido. O negócio todo de caçar por caçar parecia simplesmente... vazio demais.

Ned sentia vontade de se conectar de verdade com uma mulher, alguém com quem pudesse dividir a vida. Não tinha o menor interesse em ir de bar em bar nem de cama em cama. Sentia falta de tudo o que um casamento representava: conforto, sexo e companheirismo. Quando Ned tomava decisões, dedicava seu tempo e sua energia a cumprir os passos necessários para alcançar o objetivo, e esta nova ideia não seria exceção. Depois de seis semanas de pesquisa intensa, ele estava pronto.

Estacionou numa vaga e desligou o motor. Tirou uma latinha de balas de menta do porta-luvas e pôs uma na boca. Depois limpou as mãos na calça cáqui. Drogado. Tinha esquecido de trocar de jaleco, e a mancha do café derramado de manhã estava bem no meio do peito. Cuspiu no dedo e tentou esfregar o tecido, mas o borrão marrom só piorou. Será que deveria ficar sem jaleco? Começou a tirá-lo, mas notou a camisa de algodão amarrrotada por baixo. Não, melhor não. Que se dane. Ele não queria mesmo uma mulher que só se importasse com roupas ou aparência.

Ajeitou os óculos no nariz e se olhou no retrovisor lateral. O bronzeado saudável que tentara conseguir com um produto tinha dado muito errado. Drogado de bronzeador. A temporada de golfe ainda não tinha começado, e sua pele branca o deixara em pânico pela manhã. Ele sabia que as mulheres gostavam de um visual mais praiano, então comprou um autobronzeador na hora do almoço e aplicou no trabalho mesmo. Seguiu as instruções com atenção, mas, em vez de um tom moreno, tinha ficado cor de cenoura. Ned esfregou o rosto freneticamente, tentando espalhar um pouco mais a cor. Não estava tão mau. Wayne tinha dado uma olhada em Ned depois do almoço e, quando pressionado, disse que estava o.k. Claro, o colega estava enrolado com os testes de velocidade, então talvez não tenha prestado muita atenção.

Segurando um resmungo, saiu do carro e se dirigiu a um restaurante chamado Cosmos. Pelo menos o evento não era num bar. Apresou o passo, tropeçou na calçada desnivelada e finalmente chegou ao destino. Recebeu um golpe de ar aquecido, com os perfumes deliciosos de alho, tomate e pão recém-saído do forno. A decoração do restaurante era de bom gosto, nas cores da Toscana, e as mesas do salão principal recebiam uma ilumi-

nação suave. Em cima de cada uma havia um cronômetro, e as pessoas conversavam umas com as outras, com drinques e petiscos nas mãos.

Ned congelou.

Lutou para controlar a vontade de dar as costas e ir embora, mas não era um fracassado e não pretendia começar a ser. Ele tinha se preparado para aquilo. Era o seu momento.

“Posso ajudar?”

Abaixou o olhar e viu uma moça jovem sorrindo para ele, com uma prancheta nas mãos. “Sim, sou Ned Dunkle. Me inscrevi no evento de hoje.”

“Claro.” Ela riscou o nome e entregou um pedaço de papel. “Bem-vindo ao evento de *speed dating* da Kinnections. Ainda dá tempo de pegar um drinque no bar. Aqui está seu número. Você vai começar pela mesa nove. Cinco minutos em cada mesa, no máximo. Aqui tem uma lista de todos os participantes. Se gostar de alguém, é só anotar o nome, que no final nós vamos apresentar as pessoas que se interessaram umas pelas outras.”

“Ótimo.” Ned pegou o papel com a mão suada e abriu caminho até o bar. Risos e conversas animadas pairavam no ar, junto com o cheiro almiscarado de perfume e de alguma coisa mais forte. Será que vinha dele? Abaixou a cabeça discretamente e fungou. Era mesmo, tinha exagerado na colônia. O perfume parecera agradável em casa, mas agora sentia-se afogado pelas notas de pinheiro e madeira que o rótulo prometia. Bom, tudo bem. Ninguém ia notar.

Deu uma olhada ao redor e entrou no clima. Foi quando a viu.

Perfeição.

A mulher atravessou o salão praticamente cintilando de energia e elegância. Parando aqui e ali para falar com várias pessoas, ela atraía a atenção tanto de homens quanto de mulheres. Os olhos dourados cor de uísque dominavam seu rosto, e os cabelos grossos, em ondas cor de caramelo, caíam abaixo do ombro. O terninho rosa combinava com as unhas. Mas o que chamou mesmo a atenção dele foram os sapatos. Salto alto, *peep toe*, rosa com cristais. Em um dos dedos do pé, um anel prateado destacava ainda mais as unhas pintadas de rosa-chiclete.

Era claramente o tipo de mulher que conseguia o homem que quisesse, que tinha controle sobre sua sexualidade e dava as cartas nos rela-

cionamentos. Aquela risada rouca fez as orelhas de Ned vibrarem e o deixou com frio na barriga. Era um som cheio de vida, que anuncjava diversão. Ele sentiu uma onda de desejo e precisou segurar o riso. Até parece, vai. Não nesta encarnação. De qualquer forma, se a mulher estivesse participando daquele evento de *speed dating*, teria a oportunidade de conhecê-la e conversar com ela por cinco minutos. Só isso já faria a noite toda valer a pena.

Não que ele estivesse em busca de uma mulher que fosse somente bonita. Essa era uma lição que ele já tinha aprendido e não precisava repetir. Não nesta encarnação.

Uma campainha tocou, e todo mundo correu para as mesas.

Hora do show.

Ele se dirigiu à número nove e se ajeitou na cadeira, com um vinho de que não gostava, mas que tinha parecido um pedido mais fácil para fazer ao barman. O drinque que costumava beber levava tempo demais para explicar. Uma loira mignon se sentou na outra cadeira da mesa, deu uma olhada nele e se encolheu um pouco. Ned teve de se segurar para não esfregar o rosto e deixar o laranja ainda mais óbvio.

O timer tocou.

“Oi, eu sou a Naomi.”

Ele respirou fundo. “Oi, Naomi. Meu nome é Ned.”

“Oi, Ned. Então, você trabalha em quê?”

“Hum, sou engenheiro aeroespacial.”

“Ah, de avião? Você tem um avião?”

Ele sacudiu a cabeça. “Não, foguetes.”

Ela arregalou os olhos, empolgada. “Você tem um foguete de verdade?”

“Não, não. Trabalho com foguetes. Quer dizer, trabalho com protótipos. Faço pesquisa. Não tenho um foguete.”

“Ah.” Ela pareceu decepcionada. “Gosto de viajar. E um jatinho? Você tem um jatinho?”

Ele tentou se concentrar, mas a conversa estava tomando um rumo estranho, e ainda não tinha passado nem um minuto. “Ah, não, desculpe. Tenho um carro.”

Ela se animou. “Adoro carrões. Lamborghinis, Ferraris, Hummers. Você viu aquele filme *Velozes e furiosos*? Tinha uns carros incríveis.”

“Não, pulei esse.”

“Tá sentindo esse cheiro?” Ela franziu o nariz e deu uma olhada ao redor. “É colônia?”

“Acho que alguém deve ter exagerado.”

“Argh, odeio quando isso acontece.”

“Eu também.”

Infelizmente, ela voltou à conversa bizarra original. “O carro diz muito sobre um homem. As pessoas ficam falando o tempo todo daque-la bobagem de horóscopo, mas não percebem que é a escolha do carro que de fato define uma pessoa.”

“Acho que não tinha me dado conta disso.”

“Que tipo de carro você tem, Ned?”

“Um Tesla. Recebeu o prêmio de carro mais seguro dos Estados Unidos e não emite nenhum poluente. É o máximo em eficiência e controle de custos.”

Ela suspirou. “Tenho um Mitsubishi Eclipse conversível verme-lho-cereja. Não acho que consiga namorar ou respeitar um homem que dirige um carro econômico. Simplesmente não teria a compatibilidade de energias que é necessária numa relação, em especial na cama.” Ela deu um sorriso luminoso. “Mas foi um prazer te conhecer, mesmo assim.”

Trim.

Já um pouco nervoso, Ned se levantou e foi na direção da mesa seguinte. Uma morena alta de óculos o estudou atentamente e esperou o cronômetro começar. “Meu nome é Sandra. Sou professora do ensino fundamental, divorciada, não tenho filhos e moro sozinha.”

Ned relaxou quando ela fez a pausa. Podia dar conta daquilo. Uma conversa inteligente e direta para descobrir se havia alguma química ou conexão. “Oi, sou o Ned. Trabalho como engenheiro e nunca me casei.”

“Você tem problemas?”

Ele riu, divertindo-se com o senso de humor dela, mas logo percebeu que falava seríssimo. “Ah, sim. Provavelmente. Todo mundo tem problemas, não?”

“Eu não. Tem uma mancha na sua camisa.”

Ele passou a mão no tecido e cobriu a marca com o braço. “Desculpe. Saí apressado do laboratório e estava atrasado.”

Ela apontou um dedo para ele. “Você é viciado em trabalho.”

Ned se ajeitou na cadeira. “Realmente trabalho demais, mas estou tentando mudar isso. Você... você gosta do seu trabalho?”

“Na verdade, não. As mudanças no currículo estragaram tudo. Os alunos do sexto ano são cheios de hormônios e impossíveis de controlar. E estão querendo tirar todos os nossos benefícios.”

“Sinto muito. Você pensa em mudar de carreira?”

“Com essa economia?” Ela o encarou como se o jaleco que ele vestia estivesse pegando fogo. “De jeito nenhum. Tenho que aguentar, então fiz um planejamento para ter o mínimo de conflito. Engravidar em mais ou menos dezoito meses, para poder estender a licença para um ano. Ter o segundo filho exatos catorze meses depois, de modo que as idades sejam próximas. Mas não quero lidar com workaholics. Meu pai era assim, e o casamento com a minha mãe terminou em divórcio. Você sempre foi egoísta?”

“Oi? Não, se tivesse uma família, não trabalharia tanto. Deixa eu perguntar uma coisa...”

“Desculpe, mas não vou correr riscos com você. Acho que nosso tempo acabou.”

Trim.

Na mesa onze, ele derrubou o coquetel da moça e manchou o bonito vestido vermelho dela. Na doze, conheceu uma modelo que o despacchou na mesma hora, não sem antes dar uma lição sobre os perigos do câncer de pele para quem pega sol. O vinho ruim tinha acabado, mas não havia tempo para pedir outro, porque aqueles cinco minutos se arrastavam infinitamente e emendavam uma conversa horrorosa na outra.

Na mesa quinze, enfim, ele se deu bem.

Debra tinha um sorriso doce, cabelos longos ruivos e a pele branca como leite. Ele se apresentou. “É um prazer conhecer você, Ned. É tão difícil conhecer pessoas hoje em dia que ficamos reféns de maneiras bem constrangedoras de fazer isso.”

Os ombros dele relaxaram um pouco. “É, concordo. Mas fico surpreso em ouvir que você tenha dificuldades nessa área.”

Ela riu e abaixou a cabeça. “Obrigada. Bom, em vez de perguntar um bando de perguntas nada a ver durante cinco minutos, inventei um jeito mais divertido de saber que tipo de personalidade a gente tem.”

“Muito criativa.” Ele já tinha lido sobre o assunto na revista *Cosmopolitan* e também já tinha feito dúzias de testes sobre o tipo de homem que as mulheres procuram. Sentiu a pele coçar de excitação. “Manda ver.”

“Maravilha!” Ela sacou uma pilha de cartões e olhou para ele com uma expressão divertida. “Primeira pergunta: a que tipo de programa você me levaria num encontro, se quisesse me impressionar?”

Ótimo. Ele sabia aquilo de cor. Tentou não deixar o triunfo transparecer. “Levaria você à biblioteca pública de Nova York, em Manhattan, para descobrir que tipo de livro você gosta. Depois faríamos um piquenique no parque.”

A decepção nos olhos dela era óbvia. “Ah. A entrada da biblioteca é grátis, Ned. E piqueniques são baratos. Nada de limusine? Nem uma peça da Broadway? E o restaurante rotatório no alto do Marriott Marquis? Você tem medo de gastar dinheiro com mulheres?”

Do que ela estava falando? A *Cosmopolitan* sempre dizia que os homens tinham que ser românticos. Únicos. Que dinheiro não impressionava, mas atenção e originalidade, sim. “Desculpe, não sei no que estava pensando. Qual é a próxima pergunta?”

Ela se endireitou na cadeira e passou para o cartão seguinte. “Se você tivesse que elogiar alguma coisa em mim, o que seria?”

Essa ele sabia! A *Marie Claire* sempre falava disso. “Seu sorriso.”

Ela deixou o queixo cair. “Tá de brincadeira comigo? Então malho o dia inteiro pra você elogiar os meus dentes?”

Com os ouvidos zunindo, ele piscou algumas vezes, completamente confuso. Aquilo não podia estar acontecendo. Da última vez que seguiu o conselho de Connor e elogiou o corpo de uma mulher, levou um drinque no meio da cara. “Não achei que as mulheres gostassem que os homens fizessem isso.”

Ela revirou os olhos. “Isso é ridículo, a gente vive pra isso.”

Ned registrou a informação para voltar a fazer comentários sobre corpos. “Tenho direito a mais uma tentativa?”

“A última. A mais importante. Se a gente brigasse, como você pediria desculpas?”

Até que enfim. Não tinha a menor chance de ele errar desta vez. “Eu reconheceria que estava errado e prometeria me esforçar para resolver

aquele problema, para que não se repetisse mais.” Olá, revista *Self*. Boa comunicação e um pedido de desculpas verbal era a prioridade número um das mulheres.

Debra enfiou os cartões na bolsa e olhou para ele. “Por que diabos eu me importaria com as suas desculpas? Ações falam mais alto que palavras. Quero joias. Desculpe, Ned, mas você não combina comigo.”

Trim.

Quando chegou à mesa vinte, ele já estava magoado, cansado, com sede e decepcionado. A maioria se importava com aparências e dinheiro e parecia estar em busca de um “homem-objeto”, enquanto tudo o que Ned procurava era um relacionamento sério, para deixar todas aquelas bobagens para trás. Mas, a despeito das semanas gastas lendo revistas femininas, tinha falhado em todas as sessões de cinco minutos.

Por fim, chegou à última. A mulher parecia simpática, mas ele já tinha se enganado antes. E não o faria novamente. Desta vez, conduziria a conversa do seu jeito.

“Oi, eu sou a Bernadette.”

Ele se inclinou para a frente, pôs os cotovelos na mesa e apertou os olhos. “Olá, meu nome é Ned. Quando você vai estar pronta para casar e ter filhos?”

A mulher deu um pulo para trás. Parecia chocada, mas ele podia apostar que era só cena. Não tinha encontrado ainda uma mulher que não tivesse um plano parecido naquela noite. “Hum, não tenho certeza. Quero me apaixonar pela pessoa certa. Casamento e filhos podem vir depois.”

É, boa resposta. Ned se interessou mais. “Quanto tempo? Um mês? Dois? Você já passou dos trinta, e as estatísticas mostram que, quando seus óvulos chegam aos trinta e cinco anos, sua fertilidade começa a cair, e as chances de ter um bebê saudável diminuem em quarenta por cento.”

Teria sido aquilo um gemido? Ele estava simplesmente citando estatísticas que lera em revistas como *Glamour* ou *Self*. O lábio inferior dela começou a tremer, mas a moça estava prestando atenção nele. “Tenho vinte e nove ainda”, a mulher murmurou.

“Bem à beira do precipício. Eu repensaria os planos se quisesse ter pelo menos dois filhos. Você quer ter filhos, não quer?”

Outro gemido contido. “Quero, sempre sonhei em ter filhos.”

Até que enfim. Uma mulher que sabia o que queria. Ele relaxou. “Eu também. Acho que temos crenças parecidas. A noite foi difícil até agora, mas fico feliz por ter te conhecido, afinal. Acho que o certo seria esperar até terminar, mas, já que correu tão bem, que tal sairmos para jantar na sexta?”

Trim.

A mulher levou a mão trêmula à boca. Ela piscou depressa. Eram lágrimas nos seus olhos? O que estava acontecendo?

Ele abriu a boca para perguntar, mas um vulto cor-de-rosa apareceu no seu campo de visão.

A mulher dos sonhos.

Era ainda mais deslumbrante de perto. Os lábios tinham somente um toque de brilho, e as narinas dele identificaram um aroma de sândalo e canela. Ela pôs uma das mãos no braço de Bernadette e cochichou qualquer coisa ao seu ouvido. Bernadette assentiu, enxugou os olhos e ficou de pé. A mulher dos sonhos passou as mãos nas costas dela, apontou na direção oposta e observou enquanto a moça se afastava.

“Ei, a gente tava marcando um encontro.”

A mulher dos sonhos se virou e o encarou.

Ned congelou. Aqueles olhos de mel pareciam sugá-lo. Ficou sem ar, hipnotizado pelo calor e pela fúria que emanavam em ondas do corpo dela. Sem hesitar, a mulher pousou as palmas das mãos na mesa e se debruçou sobre ele.

“Quero falar com você.”

Ele se animou. “Ótimo. O timer tá ligado?”

“Esquece o timer. Preciso terminar umas coisas e depois quero conversar. Vou me encontrar com você no café aqui ao lado em dez minutos.”

Não podia ser. Estava interessada nele? Estranho, ela parecia intensa demais para estar simplesmente o convidando para sair, mas ele seria capaz de ir a qualquer lugar com aquela mulher. Talvez a noite horrível ainda fosse acabar bem. “Não preciso preencher uma ficha primeiro?”

Seria possível que ela parecesse ainda mais zangada? A expressão em seu rosto o fascinava, os ângulos acentuados e a pele macia. Era engraçado, se você pegasse cada um dos traços em separado, parecia que o rosto era grande demais para o corpo, mas, juntando tudo, ela tinha cara de estrela de cinema. Tipo a Julia Roberts. Uma estrutura longilínea, maçãs

do rosto marcadas e altas, sobrancelhas grossas, olhos grandes. “Tenho certeza que não precisamos de ficha nenhuma. Vejo você no café.”

Ela se afastou, rodopiou sobre os saltos altos e desapareceu na multidão.

Ned jogou fora a lista de participantes. A não ser por Bernadette, a noite tinha sido um fracasso. Mas esse encontro com a mulher dos sonhos era tudo o que ele desejara. Quem precisava de relacionamento sério quando podia ter uma noite perfeita com aquela mulher? Ele só teria o tempo exato de chupar mais uma balinha de menta e esfregar outra vez um lenço de papel no rosto para ver se conseguia amenizar o laranja.

Ned se dirigiu ao café.

2

Kennedy deu um gole no café e estudou o desastre ambulante do outro lado da mesa.

Levou um tempo até conseguir acalmar a cliente, mas acabou convencendo a pobre Bernadette de que o homem estava brincando. Em seguida, apresentou-a a Brian, que tinha ficado de olho nela a noite inteira. Eventos de *speed dating* eram... delicados. Alguns clientes adoravam o ritmo acelerado e as decisões mais rápidas ainda. Muitos curtiam o estresse e a adrenalina e conseguiam deixar uma ótima primeira impressão.

Outros fracassavam.

Como aquele cara.

Não teve pressa, deixou que ele esperasse um pouco. Ele provavelmente achava que teria alguma chance com ela, mas a intenção de Kennedy era outra. Como responsável pelos recrutamentos e transformações de estilo na agência de relacionamentos Kinnection, já tinha lidado com vários tipos de homens e dominava a delicada arte da paciência. Ela os ajudava a encontrar o amor verdadeiro, usando uma combinação de motivação, empatia e técnicas de psicologia comportamental.

No entanto, aquele palhaço tinha quebrado todas as regras, e ela não o deixaria voltar à sociedade sem antes tentar proteger as próximas mulheres. As luzes fortes do café enfatizavam o tom berrante da pele dele. Meu Deus, era quase um Doritos de carne e osso. O homem aguardou pacientemente até que ela terminasse de falar, e Kennedy notou quando ele pegou um punhado de guardanapos para limpar a mesa de fórmica branca antes de apoiar os cotovelos ali. Ótimo, mais um maluco por limpeza no mundo. “Como é o seu nome?”, perguntou.

“Ned.”

“Oi, Ned, meu nome é Kennedy. Posso fazer uma pergunta?”

“Claro.”

“O que você esperava da noite de hoje?”

Ele piscou por trás dos óculos de armação grossa preta. Em geral, ela adorava armações pretas estilosas, de marca, mas aquelas eram um erro. Grandes demais, quadradas, cobriam o rosto todo e engoliam os olhos. “Não entendi. Estou tentando encontrar a mulher certa pra mim.”

“Sei. Você normalmente se aproxima de mulheres desconhecidas e dispara as mesmas perguntas que fez para a Bernadette?”

Ele arqueou a monocelha de um jeito que dava medo. Kennedy sentiu os dedos coçarem de vontade de ter uma pinça por perto. “Estava começando a conhecê-la. Achei que tivéssemos uma conexão.”

Ela bateu com uma das unhas na caneca lascada. “Você achou que tivessem uma conexão? Você a insultou, destruiu sua confiança e acendeu nela a chama do medo de ficar sozinha e sem filhos para o resto da vida. Honestamente, acha que isso é sucesso?”

Ele recostou na cadeira e sacudiu a cabeça, confuso. “Não, não tive essa intenção. Só fui direto.”

“Idade e peso são assuntos que nunca devem ser discutidos. São o cálice sagrado do silêncio, Ned. Você não sabe disso?”

Ele passou os dedos nos cabelos. As mechas despenteadas chegavam quase aos ombros e cobriam boa parte do rosto. Kennedy imaginou se ele já tinha ido a um cabeleireiro na vida. Estava sem corte e sem nenhuma tentativa de estilo. Ele lhe lembrava um cão pastor malcuidado. “Claro, claro que sei disso. Esqueci completamente porque fiquei chateado. Passei por vinte sessões de tortura com mulheres que só estavam preocupadas com dinheiro, lugares onde ter um encontro e quantos aviões eu tinha.”

“Você tem um avião?”

“Não tenho, essa é a questão! Achei que o objetivo disso tudo fosse encontrar uma mulher que tivesse crenças parecidas com as minhas, mas elas só querem falar de dinheiro!”

Kennedy o estudou com mais atenção. Ele parecia realmente chateado, e ela não sentiu as vibrações estranhas que estava esperando. As mãos alaranjadas agarravam a caneca de café em busca de conforto. O jaleco branco de laboratório parecia ridículo combinado com a calça saída diretamente dos anos 80. O tecido cáqui brilhante, o corte largo

nos quadris, sem bolsos nem um formato definido. A mancha grande e borrada de café no meio do peito lembrava um daqueles comerciais de sabão em pó. O homem precisava de um balde de Vanish.

Mas foram as canetas presas no bolso que o entregaram.

Ah, que nerd. Muito nerd. Dos óculos às roupas à conversa sem jeito, era como se ele gritasse “me ajuda”. Será que era para valer? Ficou curiosa. “O que você está procurando? Sexo? Alguns encontros?”

O homem endireitou os ombros. Um fio solto balançava na costura do jaleco. “Quero encontrar uma esposa.”

“Por quê?”

Ele não titubeou. Encarou-a com uma franqueza que a surpreendeu. “Estou cansado de viver sozinho. Na última década, minha carreira tem vindo em primeiro lugar. Não estou interessado em passar de mulher em mulher e nenhuma querer algo sério. Quero formar uma família. Ter uma companheira. Será que é pedir demais?”

Pousou o café na mesa e flexionou os dedos. Ela notou que as unhas estavam roídas até o toco. Quase dava para ver as ondas de frustração que ele emanava. Era raro ver um homem tão focado em se casar. Em condições normais, faria a dança da vitória e imediatamente fecharia um contrato com ele na Kinnection. Pena que ele não fazia ideia disso. Talvez só precisasse de alguns conselhos.

“Não tem nada de errado com esse objetivo, mas as pessoas precisam praticar um pouco antes. Um flerte. Uma conversa toma lá dá cá, que crie confiança. Essas coisas levam a um primeiro encontro de verdade.”

“Eu sei. Eu me preparei.”

Ela arqueou uma sobrancelha. “Você tá laranja, cara.”

“Tentei usar um bronzeador pra dar um ar de praia. Achei que as mulheres fossem gostar.”

“Você tá com uma mancha de café na camisa, veio de jaleco, não corta o cabelo desde o ano 2000, e sinto como se estivesse sendo arrastada pra floresta e enterrada embaixo dos pinheiros pra morrer. Esse cheiro é da sua colônia?”

Ele desanimou e começou a cutucar a unha. “Já está provado que as mulheres são suscetíveis ao poder emocional dos aromas. Uma caminhada na natureza desperta sensações de felicidade.”

“Não quando você usa meio vidro. Minha sensação é muito mais parecida com uma corrida terrível pela floresta, fugindo de um urso-pardo assassino.”

“Eu exagerei. Tive que trabalhar até tarde. Além do mais, não quero uma mulher que dê importância a roupas ou aparência.”

Kennedy suspirou. “Roupas são importantes. Uma primeira impressão dá a oportunidade de mostrar à outra pessoa que você se importa. Não precisa vestir Calvin Klein, mas roupas limpas e bem passadas com certeza aumentam as chances de conhecer a pessoa certa.”

“Eu tentei.” Os olhos dele brilharam “Quer jantar comigo na sexta à noite?”

“Não.”

“Você não me chamou aqui pra sair comigo, né? Você queria era me dar um esporro.”

Ela disfarçou uma risada. Era uma pena. Um homem com boas intenções vale ouro, principalmente quando quer encontrar um amor de verdade, em vez de esconder-se atrás de sexo casual e de alguns bons momentos.

A não ser que...

A ideia nasceu, brotou e floresceu em rosas abertas. A não ser que ela cuidasse dele. Ensinasse como interagir com as mulheres. Fizesse uma transformação de estilo. Mostrasse como transformar uma conversa em um encontro de verdade, em vez de ficar nadando sozinho em águas infestadas de tubarões. Uma onda de excitação tomou conta de Kennedy, algo que não sentia havia muito tempo. Possibilidade.

Estava louca para transformá-lo.

Era boa demais em seu trabalho e tinha no currículo vários casais formados para reforçar sua confiança. Nos últimos tempos, estava um tanto em crise. Nada mais a animava. Seus próprios encontros eram banais e só levavam a uma sequência infinita de decepções. Os amantes que levava para a cama a satisfaziam por uma ou duas horas, mas, sob a luz cruel do dia, não sentia a menor necessidade de mantê-los por perto. A carreira era satisfatória, mas ultimamente não vinha fazendo nada de espetacular. Estava empacada, enquanto todo mundo ao seu redor parecia estar seguindo adiante em ritmo acelerado. A maioria dos amigos próximos estava comprometida ou envolvida em relacionamentos sólidos. Em

geral, adorava a ideia dos encontros e se sentia atraída pelas possibilidades que eles traziam, mas recentemente andava estressada e vinha passando a maior parte do tempo na Kinnections ou com algumas poucas amigas.

Aquele homem era um desafio.

Kennedy trocou a marcha e entrou no modo “negócios”. Primeiro, precisava de mais informações antes de se comprometer. Ele continuava totalmente colado na cadeira, sem movimentos de tensão ou impaciência. Com certeza era um piloto de escrivaninha experiente. “Como é seu nome completo?”

“Nathan Ellison Raymond Dunkle.”

Incrível. Aquilo só melhorava. “Nossa, que comprido, Ned.”

O rosto dele continuou impassível. “Eu sei. Se minha mãe ainda estivesse viva, a gente poderia sentar para conversar sobre as intenções dela.”

“Você já reparou que, se puser um R no meio do seu apelido, vira NERD?”

A monocelha levantou de novo. “Se você se acha esperta, vou ser obrigado a dizer que os garotos do colégio também descobriram isso com facilidade. Você vai ter que se esforçar mais pra me impressionar.”

Kennedy reprimiu um sorriso. Bom. Ele tinha algum senso de humor enterrado embaixo de toda aquela inteligência. É impossível ensinar essa característica a alguém, ou a pessoa tem ou não tem. Definitivamente, ali havia material bruto para ser esculpido e polido. “Touché. E você faz o quê?”

“Sou engenheiro aeroespacial.”

Ela levou o dedo aos lábios e admirou o cenário que se desdobrava à sua frente. Podia ser ainda melhor? “Você constrói foguetes.”

Deu para notar que ele estava ficando impaciente, mas mesmo assim se manteve imóvel. “Sim, é o que faz um engenheiro aeroespacial. Mas não saímos por aí dizendo isso. Está fora de moda.”

O olhar dela recaiu sobre as canetas dentro do bolso do jaleco. “Me desculpe.”

A postura dele mudou e ele olhou para ela como se suspeitasse de alguma coisa. “O que você quer? Já pedi desculpas pela maneira como falei com a Bernadette. Você não está interessada em sair comigo. Por que ainda estou aqui?”

Kennedy se esforçou para não lamber os beiços e pedir uma porção de chantili. Um cientista espacial nerd e rico que quer se casar e encontrar a parceira ideal. Aquilo era seu canto do cisne, sua Eliza Doolittle, um feito que a consagraria, o desafio de uma vida.

“Tenho uma proposta para fazer.”

“Que tipo de proposta?”

Ela sorriu. “Uma que vai mudar a sua vida. Vou dar tudo o que você sempre quis. Vou encontrar a mulher dos seus sonhos. Tudo o que você tem que fazer é me escutar.”

Ele piscou. Ponderou. E se inclinou para a frente.

Estava ouvindo.

Parou de roer as unhas e a estudou com um olhar afiado. “Como? Quem é você?”

“Kennedy Ashe. Junto com duas sócias, sou dona da agência de relacionamentos Kinnection. Nós organizamos o evento de *speed dating* para os nossos clientes hoje à noite, mas também estamos querendo expandir. Nossa foco é aproximar casais interessados em relacionamentos sérios. Nossas estatísticas são bem impressionantes, e posso levantar bastante informação para você conhecer nosso trabalho. Você parece gostar de números. Resultados. Certo?”

O panorama pareceu convincente. Ele ajeitou os óculos no nariz. “Você organizou o evento? Você é uma vendedora.”

“Recrutadora. Tenho uma proposta pra você, Ned. Quero ajudar você a encontrar uma esposa.”

A decepção apareceu no rosto dele. Ela notou que seus ombros murcharam. “Entendi. Você quer que eu contrate a sua agência. Quanto?”

A agitação tomou conta de Kennedy. O olhar dele, desconfiado e acusador, só confirmava sua inteligência. Aquilo seria divertido. “Ah, você acha que sou uma espécie de cafetina, não acha? Que vou pedir um depósito polpudo, prometer mundos e fundos e sumir, certo?”

“Isso passou pela minha cabeça.”

“Eu ficaria decepcionada se não passasse. Acho que posso te ajudar. Meu papel principal na Kinnection é cuidar dos clientes e dar a eles as ferramentas para conhecer e se relacionar com o sexo oposto. As pessoas têm problemas. O mundo é duro, principalmente no que diz respeito a

conhecer gente. Às vezes, as pessoas precisam aprender a superar algumas de suas barreiras sociais para conseguir mostrar o que têm de melhor.”

Ele soltou um riso de deboche. “Ah, entendi. Você quer que eu minta e finja ser outra pessoa para conquistar a garota. Isso nunca vai dar certo.”

“Por que não?”

“Porque vai ser uma miragem. Não vou conseguir mudar quem eu sou por dentro. Não quero.”

“Nem eu. Olha, se você não permitir que as mulheres vejam você como de fato é, nunca vai conhecer a companheira dos sonhos. Não vou mudar quem você é. Não tem necessidade disso. Mas vou mexer em algumas coisas simples e superficiais para que você tenha mais oportunidades. As primeiras impressões são fundamentais. Estou falando de um pouco de verniz. Um polimento na capacidade de conversar socialmente. Faz sentido?”

Ele coçou a cabeça. O cabelo desarrumado se repartiu e depois caiu ao redor do rosto como uma cortina. “E o que você ganha com isso?”

“Satisfação profissional. Se eu for bem-sucedida, talvez atraia mais negócios para a Kinnections. E uma oportunidade de ajudar alguém. É isso.”

“Quanto?”

“O pagamento inicial é de mil dólares. Inclui aconselhamento, transformações de estilo e dois encontros.”

“E se eu concordar?”

Ela sentiu que Ned estava se entregando, mas era preciso garantir que seria nos termos dela. Ele era um projeto que exigiria todo o seu tempo e sua energia. “Se você concordar, vou encontrar seu par perfeito. Mas você tem que se deixar completamente nas minhas mãos.”

“Qual é a duração do contrato?”

“Um ano. Claro que, se você não vir resultados ou não estiver satisfeita, pode nos deixar a qualquer momento, pagando apenas o depósito inicial. Vem tudo explicado no contrato.”

“Como começamos?”

Ela pegou o celular. “Me dá seu e-mail, assim posso te mandar o contrato, além de outras informações. Quando você tiver tomado uma decisão, é só me avisar. Daí marcamos a consulta inicial e vamos em frente.”

Ele ditou o e-mail. As unhas dela batiam no vidro enquanto digitava.
“Por que eu?”

Kennedy levantou os olhos. A pergunta direta a atingiu fundo, e ela se emocionou. Já não era difícil o bastante sair por aí sucessivas vezes e sempre falhar? Acreditar que realmente existe alguém perfeito para você? Aquele homem de roupas largas, óculos grandes demais e pele laranja queria acreditar. Seria o maior teste dela e a confirmação de sua crença em finais felizes.

Ao menos para algumas pessoas.

Sua voz vibrou com determinação. “Porque acredito que haja uma pessoa certa pra cada um. E quero ajudar você a encontrá-la.”

Sem mexer um músculo, ele a encarou longamente e avaliou seu rosto. Em seguida, acenou com a cabeça. “O.k.”

“Dá uma olhada no contrato. Se concordar com os termos, me liga para marcarmos uma consulta formal esta semana ainda. Estou muito animada pra trabalhar com você.” Deu o último gole no café e estendeu a mão para pegar o dinheiro na bolsa.

Ele segurou seu pulso. “Pode deixar comigo.”

A pegada era firme. Ela esperava mãos macias e úmidas, mas descobriu que eram firmes e deliciosamente quentes. Tirou logo a mão. “Obrigada. Vou esperar pela sua ligação.”

Kennedy escorregou do banco e saiu do café. No caminho até o carro, sentiu seus passos leves, e a brisa fresca de março pareceu repleta de possibilidades.